

FASCISMO? DEMOCRACIA? COMUNISMO¹

Otorrino Perrone

A questão central que confronta o movimento operário atualmente é a sua atitude em relação à democracia, ou mais precisamente, a necessidade de defender (ou não) as instituições democráticas ameaçadas pelo fascismo, ao mesmo tempo em que este último pretende destruir as organizações proletárias.

A solução mais simples para essa questão - e para outras - não é a mais clara, pois de modo algum corresponde à realidade da luta de classes. Embora possa parecer paradoxal à primeira vista, o movimento operário só conseguirá realmente preservar suas organizações do ataque da reação, desde que mantenham intactas suas posições de combate, não as vincule ao destino da democracia e lute a batalha contra a ofensiva fascista, ao mesmo tempo em que leva adiante a luta contra o Estado democrático.

Com efeito, uma vez estabelecida a comunhão entre o movimento operário e as instituições democráticas, é dada a condição política para a ruína completa da classe trabalhadora, uma vez que o Estado democrático encontra, na contribuição das massas operárias, não uma possibilidade de vida ou de persistência, mas a condição necessária para se tornar um regime autoritário, ou o sinal de seu desaparecimento com o objetivo de ceder seu lugar para uma nova organização fascista.

Se considerarmos a situação atual, independentemente da sua ligação com as situações que a precederam e que virão depois dela, se considerarmos a posição atual dos partidos políticos sem os ligar ao papel que desempenharam no passado e ao que irão desempenhar no futuro, as circunstâncias imediatas e as forças políticas atuais do contexto histórico geral são deslocadas, o que permite que a realidade seja facilmente apresentada da mesma forma: o fascismo vai ao ataque, o proletariado está completamente interessado em defender suas liberdades e, por esta razão, é necessário estabelecer uma frente defensiva de instituições democráticas ameaçadas.

¹ Texto publicado originalmente em 1934, portanto, no auge do regime fascista na Itália. Esta tradução foi realizada por Brenda Santos e revisado por Gabriel Teles a partir da versão em inglês disponível em: <https://intransigence.org/2018/07/09/fascism-democracy-communism/>. (Nota – Revista Enfrentamento).

Pintada com um toque revolucionário, esta posição é apresentada sob o verniz de uma estratégia revolucionária fingida, ao mesmo tempo que é fundamentalmente "marxista." A partir daqui o problema é apresentado da seguinte forma: há uma incompatibilidade entre a burguesia e a democracia, conseqüentemente, o interesse do proletariado em defender as liberdades que este lhe concede naturalmente prevalece sobre os seus interesses especificamente revolucionários e a luta pela defesa das instituições democráticas torna-se assim uma luta anticapitalista!

Na base destas proposições há uma confusão evidente entre democracia, instituições democráticas, liberdades democráticas e posições da classe trabalhadora que são erroneamente chamadas de "liberdades dos trabalhadores." *Observaremos então, tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista histórico, que existe uma oposição irreduzível e irreconciliável entre a democracia e as posições da classe trabalhadora*². O movimento ideológico que acompanhou a ascensão e a vitória do capitalismo situa-se e exprime-se, do ponto de vista econômico e político, com base na dissolução dos interesses e das exigências particulares dos indivíduos, das comunidades e especialmente das classes, dentro da sociedade.

Aqui a igualdade dos componentes seria possível precisamente porque os indivíduos confiam seu destino e custódia aos organismos estatais que representam os interesses da comunidade. É útil salientar que a teoria liberal e democrática supõe a dissolução de grupos, de categorias constituídas por "cidadãos", que estariam interessados em ceder espontaneamente uma parte da sua liberdade, de receber a salvaguarda da sua posição econômica e social em troca de uma compensação. Esta renúncia seria feita em benefício de um organismo capaz de regular e dirigir toda a comunidade. E enquanto as constituições burguesas proclamam os "direitos do homem" e também contêm a afirmação da "liberdade de reunião e da imprensa", elas não reconhecem agrupamentos de classes de forma alguma.

² Uma discussão mais detalhada sobre o posicionamento do Movimento Autogestionário a este respeito pode ser conferida no número especial da Revista Enfrentamento inteiramente dedicado à questão das eleições, da democracia e do voto nulo. Cf. Revista Enfrentamento Especial nº 8 no seguinte link:
<https://redelp.net/revistas/index.php/enf/issue/view/Revista%20Enfrentamento%20N%C2%BA%208>.

Esses "direitos" são considerados exclusivamente como atribuições concedidas ao "homem", ao "cidadão", ou ao "povo", que deve fazer uso deles para conceder aos organismos do Estado ou do governo acesso ao indivíduo. A condição necessária para o funcionamento do regime democrático reside, então, não no reconhecimento de grupos, seus interesses, ou seus direitos, mas na fundação do organismo indispensável para guiar a coletividade, que deve transmitir ao Estado a defesa dos interesses de cada unidade que o constitui.

A democracia é apenas um meio para impedir que os "cidadãos" recorram a outros órgãos que não os governados e controlados pelo Estado. Poderia ser objetado que a liberdade de reunião, imprensa e organização perdem todo o seu significado a partir do momento em que se torna impossível obter, por meio deles, uma determinada concessão. Aqui entramos no terreno em que a crítica marxista mostra como que, por trás da máscara democrática e liberal, a opressão de classe é realmente escondida, e que Marx tão justamente afirmou que o sinônimo de "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" é "infantaria, cavalaria, artilharia." Pelo contrário, hoje não é tanto uma questão de demonstrar a inconsistência da base supostamente igualitária da democracia, mas de expor como eles pretendem amarrar a expansão das organizações dos trabalhadores com a defesa deste último.

Ora, como já explicamos, a condição de vida do regime democrático consiste precisamente em restringir o poder de alguns grupos, em particular em nome dos interesses dos indivíduos, bem como da sociedade. O estabelecimento de uma organização dos trabalhadores envolve diretamente um ataque à teoria da democracia e por isso é característico notar que, no atual período de degeneração do pensamento marxista, a sobreposição das duas Internacionais (a dos traidores e a dos futuros traidores) ocorre precisamente com base na defesa da democracia, da qual derivaria a possibilidade de existência, e até mesmo de desenvolvimento, das organizações operárias.

Do ponto de vista histórico, a contradição entre a "democracia" e as organizações operárias manifesta-se de forma bastante sangrenta.

O capitalismo inglês foi fundado no século XVII, mas foi muito mais tarde que os cartistas arrebataram o direito da classe trabalhadora de se organizar pela força da luta. Em todos os países, os trabalhadores obteriam essa conquista apenas com base em movimentos fortes que estavam continuamente sujeitos à repressão sangrenta dos estados democráticos. É bastante claro que antes da guerra, e mais especificamente até os primeiros anos do nosso século, movimentos de massa destinados a estabelecer organismos independentes da classe trabalhadora foram liderados por partidos socialistas para a conquista de direitos que concederiam aos trabalhadores o acesso às funções de governo ou Estado.

Certamente, esta questão foi calorosamente debatida dentro do movimento operário; sua expressão mais conclusiva é encontrada acima de tudo na teoria reformista que, sob a bandeira da penetração gradual do proletariado na fortaleza do inimigo, na verdade, permitiu que este último - e 1914 representa a conclusão deste balanço de revisão marxista³ e traição - corrompesse e submetesse aos seus próprios interesses toda a classe trabalhadora.

Na luta contra o que é habitualmente ridicularizado como "bordiguismo", argumenta-se muitas vezes, por razões controversas (que são geralmente as razões de emaranhamento e confusão), que este ou aquele movimento tinha como objetivo a conquista do sufrágio universal, ou esta ou aquela exigência democrática. Esta forma de interpretar a história é muito semelhante à que consiste em explicar os acontecimentos, não determinando a sua causa em função das classes antagônicas e os interesses específicos que eles realmente apresentam, mas simplesmente baseando-se nas iniciais inscritas nas bandeiras que acenavam acima das massas em movimento.

³ A referência aqui é à Social-democracia alemã, que, no parlamento alemão, votou em bloco a favor dos créditos de guerra, que permitiria ao Estado alemão empenhar recursos nos esforços de guerra. Os deputados do SPD – Partido Social-democrata alemão (na sigla em alemão) – votaram favoráveis aos gastos do Estado alemão na Primeira Guerra Mundial, um conflito caracteristicamente imperialista. Faz-se exceção a somente dois deputados: Otho Rühle e Karl Liebknecht. O SPD a esta época era cindido em três correntes: centro (representado por Karl Kautsky), direita (representado por Edward Bernstein) e esquerda (representado por nomes como Rosa Luxemburg, Otho Rühle, Anton Pannekoek, Karl Liebknecht etc.). Após este episódio, a ala esquerda sai em bloco, dando origem ao que ficou conhecido como “socialismo radical” e este durante as décadas de 1920 e 1930 vai dar origem a inúmeras tendências: espartaquismo, comunismo de conselhos etc.

Esta interpretação, que por outro lado tem apenas um valor puramente acrobático com a qual as pessoas pretensiosas que povoam o movimento operário estão satisfeitas, desaparece imediatamente se o problema é colocado em termos realistas. Com efeito, o movimento operário não pode ser compreendido senão no decurso da sua ascensão rumo à libertação do proletariado. Se, pelo contrário, o colocássemos no caminho oposto, que levaria os trabalhadores a conquistar o direito de acesso às funções governamentais ou estatais, nos colocaríamos diretamente no mesmo caminho que levou à traição da classe trabalhadora.

Em qualquer caso, os movimentos que tinham como objetivo a conquista do direito de voto poderiam realizar essa luta e de forma duradoura, porque no final, estavam longe de dismantlar o sistema democrático. Eles não fizeram nada além de introduzir o próprio movimento operário em seu próprio jogo. As ações miseráveis dos trabalhadores que subiram aos postos do governo são bem conhecidas: os Eberts, Scheidemanns, Hendersons, etc., demonstraram claramente qual é o mecanismo democrático e a capacidade que ele tem para desencadear a mais implacável repressão contrarrevolucionária.

O que diz respeito às posições de classe conquistadas pelos trabalhadores é completamente diferente. Aqui nenhuma compatibilidade com o Estado democrático é possível; pelo contrário, a oposição irreconciliável que reflete o antagonismo das classes é acentuada, aguçada e amplificada, e a “vitória” dos trabalhadores será alcançada graças à política dos líderes contrarrevolucionários.

Estes últimos distorcem o esforço feito pelos trabalhadores para criar suas organizações de classe, o que só pode ser fruto de uma luta impiedosa contra o Estado democrático. O triunfo proletário só é possível nessa direção. *Quando as massas trabalhadoras são seduzidas pela política dos líderes oportunistas, elas acabam sendo arrastadas para o pântano democrático.* Lá eles não são mais do que um simples peão de um mecanismo que se torna muito mais democrático, uma vez que consegue anular todas as formações de classe que representam um obstáculo ao seu funcionamento.

O Estado democrático que opera este mecanismo vai fazê-lo funcionar "igualmente" apenas na condição de ter antes dele, não categorias econômicas

antagônicas agrupadas em organismos diferentes, mas "cidadãos" iguais uns aos outros, que se reconhecem como sendo de posição social semelhante, para percorrer juntos os múltiplos caminhos a que têm acesso após o exercício do poder democrático.

Criticar o princípio democrático com o objetivo de demonstrar que a igualdade eleitoral não é mais do que uma ficção que obscurece os abismos que separam as classes na sociedade burguesa excede o objetivo deste artigo. O que nos interessa aqui é poder mostrar que existe uma oposição irreconciliável entre o sistema democrático e as posições da classe trabalhadora. Cada vez que os trabalhadores foram capazes de impor - através de lutas heroicas e sacrificando suas próprias vidas - suas demandas de classe sobre o capitalismo, eles têm produzido um sério golpe para a democracia, um golpe do tipo que só o capitalismo pode reivindicar.

Pelo contrário, o proletariado encontra a razão da sua missão histórica denunciando a mentira do princípio democrático na sua própria natureza e na necessidade de suprimir as diferenças de classes e as próprias classes. No final do caminho percorrido pelo proletariado através da luta de classes, não há regime democrático puro, porque o princípio em que a sociedade comunista se baseará é o da não-existência de um poder estatal que dirige a sociedade, enquanto a democracia é absolutamente inspirada por ela. Em sua expressão mais liberal, ele se esforça continuamente para excluir os explorados que se atrevem a defender seus interesses com a ajuda de suas organizações, em vez de permanecer submisso às instituições democráticas criadas com o único objetivo de manter a exploração de classe.

Tendo colocado o problema da democracia em seu quadro normal - não vemos realmente como seria possível para os marxistas fazê-lo - é possível entender os acontecimentos na Itália e na Alemanha, bem como as situações vividas atualmente pelo proletariado em diferentes países e, em particular, na França. *À primeira vista, o dilema em que eles situam esses eventos consiste na oposição "fascismo/ democracia", ou, para usar termos comuns, "fascismo/ antifascismo".*

Estes estrategistas "marxistas" dirão, para cúmulo, que a antítese continua a ser a existência de duas classes fundamentalmente opostas, mas que o proletariado tem a vantagem de aproveitar a oportunidade que lhe é oferecida e de se apresentar como a

principal figura na defesa da democracia e na luta antifascista. Já salientámos a confusão entre democracia e posições dos trabalhadores que está na base desta política.

Agora precisamos explicar por que a frente para a defesa da democracia na Itália - como na Alemanha - não representou, em última análise, mais do que uma condição necessária para a vitória do fascismo. Pois o que é indevidamente chamado de "golpe de Estado fascista" é apenas, no final, uma transferência de poder, mais ou menos pacífica, de um governo democrático para o novo governo fascista. Na Itália, um governo composto por representantes do antifascismo democrático cede lugar a um ministério liderado pelos fascistas, que terá uma maioria segura neste parlamento antifascista e democrático, quando, no entanto, os fascistas não tinham mais do que um grupo parlamentar de quarenta representantes de quinhentos deputados.

Na Alemanha, o antifascista Von Schleicher dá lugar a Hitler, chamado, por outro lado, por outro antifascista, Hindenburg, o escolhido das forças democráticas e social-democratas. Na Itália e na Alemanha, na época da transformação da sociedade capitalista em fascismo, a democracia não se retira imediatamente da cena política, mas mantém uma posição política de primeira ordem: com efeito, se permanecer no governo, não é com o objetivo de representar dentro de si um ponto de reunião para evitar as situações a que uma vitória fascista levará, mas para permitir o triunfo de Mussolini e Hitler. Na Itália, além disso, após a marcha sobre Roma, e por vários meses, em cima disso, um governo de coalizão foi formado, e em que os fascistas foram uma parte em colaboração com os cristão-democratas, e até mesmo Mussolini renunciou à ideia de ter representantes da socialdemocracia na liderança das organizações sindicais.

Os acontecimentos atuais na França, onde a perspectiva fascista não representa a única solução capitalista para a situação, e onde o "pacto de ação" entre socialistas e centristas fez da classe trabalhadora o principal elemento na defesa da democracia, vai acabar esclarecendo a controvérsia teórica em que a nossa fração está contra as outras organizações que buscam representar a classe operária. A condição necessária para a derrota do fascismo, e que supostamente consiste no reagrupamento dos partidos que atuam dentro da classe trabalhadora em uma frente unida levantando a bandeira para a defesa da democracia, condição esta que não existia na Itália ou na Alemanha, é completamente cumprida na França.

Agora, em nossa opinião, o fato de que o proletariado francês foi descarrilado de seu terreno de classe e estimulado como tem sido, por centristas e socialistas, na estrada que hoje o imobiliza e amanhã lhe entregará o capitalismo, prenuncia a vitória indubitável do inimigo. Vitória no duplo sentido de ser forçado a recorrer ao fascismo, ou a uma transformação do Estado atual em um Estado no qual o governo vai gradualmente absorver as funções legislativas fundamentais e onde as organizações dos trabalhadores devem desistir de sua independência e permitir o controle do Estado em troca de sua "ascensão" à categoria de instituições consultivas de garantia.

Quando se diz que a situação atual já não permite ao capitalismo manter uma forma de organização social análoga ou idêntica à existente no período histórico ascendente da burguesia, não faz mais do que confirmar uma verdade evidente e indiscutível. Mas é também uma verificação de fatos que não é específico da questão da democracia, mas é geral e aplica-se igualmente à situação econômica e a todas as outras manifestações sociais, políticas, culturais, etc.

Isso serve para provar que o hoje não é o ontem, que existem atualmente fenômenos sociais que não apareceram de forma alguma no passado. Não chamaríamos a atenção para esta afirmação banal se não fossem as conclusões políticas, que são, no mínimo, estranhas, que implica: as classes sociais já não são reconhecidas pelo modo de produção que estabelecem, mas pela forma de organização política e social com que se dotam. *O capital é, portanto, uma classe democrática necessariamente oposta ao fascismo, que é uma ressurreição das oligarquias feudais. Caso contrário, o capitalismo não pode mais ser o capitalismo, a partir do momento em que deixa de ser democrático, e o problema consiste em assassinar o demônio fascista usando o próprio capitalismo.* Ou, já que o capitalismo hoje está interessado em abandonar a democracia, nós só temos que colocá-lo de volta no trilho, retomando os textos da constituição e as leis, e nós assim, quebraremos a transformação do capitalismo para fascismo e ainda abriremos o caminho que leva à vitória proletária.

Em última análise, a ofensiva fascista iria forçar-nos temporariamente a colocar o nosso programa revolucionário sob quarentena, a fim de defender as instituições democráticas ameaçadas de extinção, e depois retomar a luta abrangente contra esta mesma democracia que, graças a esta interrupção, ter-nos-ia permitido montar uma

armadilha contra o capitalismo. Uma vez que o perigo foi eliminado, a democracia poderia ser crucificada novamente.

A simples enunciação das conclusões políticas derivadas da verificação da diferença entre duas épocas capitalistas - a ascendente e a descendente - permite-nos ver o estado de decomposição e corrupção dos partidos e grupos que afirmam estar do lado do proletariado no período atual.

Os dois períodos históricos considerados separadamente podem diferir, e realmente diferem, mas para chegar à conclusão de que há uma incompatibilidade entre o capitalismo e a democracia, ou entre o capitalismo e o fascismo, devemos considerar a democracia e o fascismo não tanto quanto formas sociais de organização, mas de classes ou seria necessário admitir que a partir de agora a teoria da luta de classes não é mais verdadeira e que estamos testemunhando uma batalha que vai colocar a democracia contra o capitalismo, ou fascismo contra o proletariado.

Mas os acontecimentos na Itália e na Alemanha estão lá para nos mostrar que o fascismo não é nada mais do que o instrumento de repressão sangrenta contra o proletariado, ao serviço do capitalismo, que vê Mussolini proclamar a santidade da propriedade privada sobre os escombros das instituições de classe que os trabalhadores tinham fundado para dirigir sua luta contra a apropriação burguesa do produto de seu trabalho.

Mas a teoria da luta de classes é verificada, mais uma vez, nas experiências cruéis da Itália e da Alemanha. A aparência do movimento fascista não modifica a antítese do capitalismo/proletariado, substituindo-o pelo capitalismo/democracia ou pelo fascismo/proletariado. Na evolução do capitalismo decadente, chega um momento em que este é forçado a empreender outro caminho diferente daquele que percorreu em sua fase ascendente.

Antes que pudesse combater o seu inimigo mortal, o proletariado, apresentando a sua perspectiva como a de uma maioria progressista com o mesmo destino até que alcançou a sua libertação e, com este objetivo, abriu as portas das instituições democráticas, aceitando os chamados representantes dos trabalhadores, que se tornaram agentes da burguesia na medida em que vieram a encadernar as organizações

dos trabalhadores no âmbito do Estado democrático. *Hoje - depois da Guerra de 1914 e da Revolução Russa - o problema para o capitalismo é dispersar, com violência e repressão, qualquer foco proletário que possa estar relacionado com o movimento de classe.*

No fundo, a explicação da diferença de atitude entre o proletariado italiano e o alemão em face da ofensiva fascista, a resistência heroica do primeiro para defender até o último tijolo das instituições dos trabalhadores e do colapso do último, logo que o governo Hitler-Papen-Hindenburg foi formado, depende unicamente do fato de que na Itália o proletariado fundou - auxiliado por nossa corrente - o organismo que poderia levar à vitória, enquanto na Alemanha o Partido Comunista, quebrado pela base em Halle pela fusão com os independentes de esquerda, experimentou uma série de etapas no curso das múltiplas convulsões da esquerda e da extrema esquerda, que marcam os sucessivos passos em frente na corrupção e decomposição de um partido proletário alemão que em 1919 e 1920 tinha escrito páginas de glória e heroísmo⁴.

Mesmo se o capitalismo passa à ofensiva contra as instituições democráticas e as organizações que afirmam apoiá-las, mesmo que ele assassine personalidades políticas pertencentes a partidos democráticos do exército ou do próprio Partido Nazista (como 30 de junho na Alemanha), isso não significa que deve haver tantas antíteses como pode haver oposições (fascismo/militar, fascismo/cristianismo, fascismo/democracia). Estes

⁴ Aqui apresenta-se um limite claro da corrente bordiguista, sobretudo neste momento histórico em que o texto é escrito: o não rompimento com as organizações partidárias. Ao afirmar que a ascensão do movimento operário na Alemanha no período de 1919/1920 deve-se à atividade de algum partido configura-se em grave erro. Na verdade, a revolução alemã abriu um cisma enorme entre os interesses de classe do proletariado e os partidos políticos que atuaram em seu seio (Partido Social-democrata Alemão, Partido Comunista Alemão, Partido Comunista Independente etc.). A criação dos conselhos operários, como organizações independentes do proletariado, expressa, ao nível organizacional, este cisma entre organizações operárias por um lado e organizações partidárias e sindicais por outro. Assim, não foi o partido X ou Y que levou a cabo o processo de revolução na Alemanha. Na verdade, a ação destes partidos teve efeito muito mais paralisante e repressivo do que propriamente de fazer avançar o movimento revolucionário da classe operária. Para mais informações, sugerimos os seguintes textos: BRICIANER, Serge. *Anton Pannekoek y los consejos obreros*. Barcelona: Anagrama, 1976; KORSCH, Karl. *Sobre la teoria y la practica de los marxistas*. Salamanca: Ágora, 1979; GORTER, Herman. *Carta aberta ao camarada Lênin*. In: TRAGTEMBERG, Maurício (org.). *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981; AUTHIER, Denis. *A esquerda alemã (1918-1921) – “doença infantil” ou revolução?*. Lisboa: Afrontamento, 1975; GUILLERM, Alain e BOURDET, Yvon. *Autogestão: uma mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976; MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018; MAIA, Lucas. *As revoluções russa e alemã: a questão do estado, dos partidos, dos sindicatos e dos conselhos operários*. Revista Enfrentamento. Goiânia: ano 12, N. 22, jul/dez. 2017; VIANA, Nildo. *Sobre a história e significado do comunismo de conselhos*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020. (Nota – RE)

fatos só provam a extrema complexidade da situação atual, sua natureza espasmódica, e não ameaçam de forma alguma a teoria da luta de classes.

A teoria marxista não apresenta a luta do proletariado/burguesia na sociedade capitalista como um conflito mecânico, ao ponto de que qualquer manifestação social pode e deve estar ligada a um ou outro extremo do dilema. Além da antítese da burguesia/proletariado, o único motor da história atual, Marx demonstrou os fundamentos e o curso muito contraditório do capitalismo, a tal ponto que o capitalismo não pode existir em harmonia, mesmo depois que o proletariado deixou de existir (como é o caso na situação atual como resultado da ação do centrismo e das traições social-democratas) como uma classe que tenta quebrar a ordem capitalista e estabelecer a nova sociedade.

Na atualidade, o capitalismo pode ter amputado temporariamente a única força potencial da sociedade, o proletariado, mas, tanto na esfera econômica quanto na política, as bases contraditórias do seu regime não deixam de determinar a oposição irreconciliável dos monopólios, dos Estados, das forças políticas que agem no interesse da conservação da sua sociedade, em particular o contraste entre fascismo e democracia.

Basicamente, a dicotomia de guerra/revolução significa que uma vez que o estabelecimento de uma nova sociedade tenha sido descartada como uma solução para a situação atual, uma era de tranquilidade social não aparecerá de todo, mas toda a sociedade capitalista (incluindo os trabalhadores) caminhará para a catástrofe, resultado das contradições inerentes a esta sociedade. O problema a resolver não é atribuir ao proletariado tantas atitudes políticas como há oposições na situação, ligando-o a tal monopólio, tal estado, a tal força política, contra aqueles que se lhe opõem, *mas para manter a independência da organização do proletariado na luta contra todas as expressões econômicas e políticas do inimigo de classe no mundo.*

A transformação da sociedade capitalista em fascismo, a oposição e o conflito entre os fatores de ambos os regimes não devem de modo algum alterar a fisionomia específica do proletariado. Como assinalamos em várias ocasiões, as bases

programáticas proletárias de hoje devem ser as mesmas que Lenine publicou⁵, com o seu trabalho como uma fração, antes da guerra e contra os oportunistas de todos os matizes. *Contra o Estado democrático, a classe operária deve manter uma posição de luta e pela sua destruição. Não deve entrar nela para conquistar posições que supostamente permitam a construção gradual de uma sociedade socialista*; os revisionistas que defenderam esta posição, transformaram o proletariado em vítima das contradições do mundo capitalista, em bucha de canhão em 1914.

Hoje, quando as situações forçam o capitalismo a proceder com uma transformação orgânica do seu poder, do Estado, o problema permanece o mesmo, isto é, a destruição e introdução do proletariado no Estado inimigo para salvaguardar as suas instituições democráticas, que coloca a classe trabalhadora à mercê do capitalismo; e onde este não deve recorrer ao fascismo, ele mais uma vez a torna vítima de conflitos interimperialistas e da nova guerra.

A dicotomia marxista entre proletariado/capitalismo não significa que os comunistas em todas as situações devem levantar a questão da Revolução, mas que em qualquer circunstância o proletariado deve ser agrupado em torno de suas posições de classe. *A questão da insurreição pode surgir quando as condições históricas para a luta revolucionária existem, e nas outras situações será obrigado a promover um programa mais limitado de demandas, mas sempre em uma base de classe*⁶. A questão do poder só surge na sua forma integral e se faltam as premissas históricas necessárias para pôr em marcha

⁵ A corrente bordiguista apresenta algumas tendências. Uma delas ainda se alicerça, apesar das críticas, nas bases ideológicas do leninismo. Daí deriva seu não rompimento com as organizações partidárias. Perrone insere-se claramente dentro desta tendência do bordiguismo, daí a fraqueza de seu texto. Defender as “bases programáticas” tal como Lênin articulou consiste exatamente em defender a submissão do movimento da classe operária aos líderes e chefes partidários. Os textos indicados na nota anterior apresentam uma volumosa crítica ao leninismo e seus derivados (stalinismo, trotskysmo, maoísmo etc.). Outras tendências do bordiguismo rompem com o leninismo, tal como se vê, por exemplo, nos trabalhos de Denis Authier, Jean Barrot etc. Para um estudo mais detalhado do bordiguismo, indicamos: BOURRINET, Philippe. *La izquierda comunista de Italia (1919-1999) – história de la corriente “bordiguista”*. Disponível em: <http://www.left-dis.nl>. Para uma análise mais sintética e crítica: MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018. (Nota – RE)

⁶ Aqui convém registrar nossa concordância com este ponto de vista. O central, portanto, é alinhar a luta contra o fascismo (quando este é uma ameaça real) com os interesses, métodos de luta, organizações da classe operária. Deste modo, para o proletariado, a questão não é democracia contra fascismo, mas sim, movimento da classe operária contra capitalismo. (Nota – RE)

a insurreição, esta questão não se coloca. Os slogans a serem apresentados, então, corresponderão às exigências elementares que dizem respeito às condições de vida dos trabalhadores do ponto de vista da defesa dos salários, das instituições proletárias e das posições conquistadas (direito de organização, de imprensa, de reunião, de manifestação, etc.).

A ofensiva fascista encontra sua razão de ser em uma situação econômica que exclui qualquer possibilidade de erro, e que assume que o capitalismo deve aniquilar todas as organizações dos trabalhadores. Neste momento, a defesa das demandas da classe trabalhadora ameaça diretamente o regime capitalista, e a eclosão de greves defensivas só pode ser situada no curso da Revolução comunista. Em tal situação - como já dissemos - os partidos e organizações democráticos e social-democratas desempenham um papel de liderança, mas em favor do capitalismo e contra o proletariado, na linha que leva à vitória fascista e não na linha que leva à defesa ou ao triunfo do proletariado.

Este último será mobilizado na defesa da democracia para que não lute por reivindicações parciais. Os social-democratas alemães apelam aos trabalhadores para que abandonem a defesa de seus interesses de classe, de modo a não ameaçar o governo do "mal menor" de Brüning; Bauer fez o mesmo para Dollfuss entre março de 1933 e fevereiro de 1934; o "Pacto de Ação" entre socialistas e centristas na França é realizado porque ele contém (uma cláusula inspirada pelos princípios de Zyromski's) a luta pelas liberdades democráticas, excluindo greves para as demandas econômicas.

Trotsky dedicou um capítulo de seus documentos sobre a revolução alemã para demonstrar que a greve geral deixou de ser a arma de defesa da classe trabalhadora. A luta pela democracia é uma manobra de distração poderosa para separar os trabalhadores de seu terreno de classe e anexá-los aos movimentos contraditórios do estado em sua metamorfose da democracia ao estado fascista. *A dicotomia fascismo/antifascismo, assim, age no interesse exclusivo do inimigo; antifascismo e democracia sedam os trabalhadores para que os fascistas possam espetá-los; atordoam o proletariado para que não possam ver seu próprio terreno de classe.*

Estas são as posições centrais que os proletários da Itália e da Alemanha traçaram com o seu sangue. O capitalismo mundial pode preparar a guerra mundial porque os trabalhadores de outros países não se inspiram nessas ideias programáticas. A nossa fração, inspirada nestes princípios programáticos, continua a sua luta pela revolução italiana, pela revolução internacional.